

## **Enche o Tanque com Gasolina Aditivada que a Motoca Vai Voar, proposta de Cabo Enrolado - Cia. Graxa<sup>1</sup>.**

Os filmes de ficção são os melhores documentários.  
Kleber Mendonça (*Retratos Fantasmas*).

Desejo nessas breves linhas tentar traduzir em palavras as complexas e profundas sensações e reflexões que foram provocadas, para não dizer produzidas, na mais altíssima potência pela peça teatral *Cabo Enrolado* da Cia. Graxa, apresentada durante a V Mostra de Teatro Heliópolis – A Periferia em Cena.

Desenvolvida a partir de um projeto contemplado pelo VAI – Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais para a cidade de São Paulo, a peça *Cabo Enrolado* da Cia. Graxa, se caracteriza em coletivo teatral, cuja origem é do bairro de Itaquera, extremo Leste da cidade de São Paulo, teve o processo de montagem iniciado em fevereiro deste ano e desde abril vem realizando uma série de apresentações em circulação por teatros e espaços culturais do município.

A peça que recebe o nome de uma expressão utilizada por motoqueiros, faz referência ao acelerar até o fim o cursor do acelerador de uma moto com a finalidade de ganhar velocidade, este parece um ponto significativo, principalmente porque ao assistir à peça, pode-se ter a sensação de que se participou de um “rolê” de moto em alta velocidade, aquela sensação de que tudo vai dar certo na vida, sabe? Ao mesmo tempo que a respiração é alterada, e se fica meio sem fôlego, pelo espanto diante do risco e do que está posto em cena.

Tal sensação é produzida pelas escolhas estéticas, determinantes no que se poderá sentir e do como se viverá aquela experiência, cuja proposição épica efetiva-se em tensões dialéticas pertinentes, ao expor importantes contradições entre as subjetividades do sujeito anônimo Antônio e sua realidade concreta de forma sensível e eletrizante, na mesma medida.

Muito desse resultado se deve ao trabalho coletivo de uma equipe afinadíssima e talentosa (talento utilizado aqui no sentido de potencialidades desenvolvidas e habilidade para intervir no ambiente à sua volta), no motor e na bateria Matheus Vieira, a doce voz de Bibi Wine, o frenético desenho de movimento de Castilho, as cores, texturas e dimensões provocativas dos figurinos e cenário de Walison Martins, as atmosferas criadas pelos desenhos de luz de Felipe

---

<sup>1</sup> Escrito por Carolina Angrisani, trabalhadora das artes, atuante em diferentes coletivos teatrais do sujeito histórico teatro de grupo paulistano. Integrante do grupo de pesquisa CNPq: Práxis épico-populares em perspectivas críticas: documentação de experimentos teatrais, coordenado por Alexandre Mate. Doutoranda e Mestra pelo PPGA do Instituto de Artes da Unesp. Pós-graduada em Direção Teatral e licenciada em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes. Atriz formada pelo Teatro Escola Célia Helena.

Tchaça, as brasilidades da criação musical de Dunstin Farias, Julio Lorosh, Matheus Vieira e Cesar Aranguibel, que também assina a direção musical.

A virtuose de Julio Lorosh, responsável pela concepção, direção e interpretação, em cena causa encanto pelo domínio da narrativa, urgência na fala, sensibilidade, poesia e habilidade para se dividir entre as peripécias de sua personagem, o interessante jogo com os espectadores e espectadoras, movimentação em cena e a condução cuidadosa na construção do universo simbólico que se apresenta.

António, é garoto nascido e crescido na periferia, sonhava em ser jogador de futebol, ao fazer dezoito anos como inúmeros garotos da sua idade e classe social destinam parte do salário do primeiro emprego para comprar uma moto. Mas o salário não dá, António se endivida, uma mina engravida, precisa trabalhar, o objeto de desejo e liberdade se torna objeto de trabalho. Se o motor da moto gripar, não tem como trabalhar. Se não levantar todos os dias para trabalhar, não tem como pagar. A precarização das condições de trabalho como entregador de aplicativo não permite fechar essa conta. “Finalmente pronto, em carne, ossos, unhas e dentes. Encontramo-no aqui. Anônimo António ou brasileiro, pagando a morte à vista depois de entregar a vida a prazo”, constata seu intérprete-narrador em uma das cenas finais da peça.

Um vídeo documentário é exibido na televisão, objeto do imaginário de António, com relatos de pessoas de classe média, brancas, do conforto de seus carros, falando sobre como veem o comportamento dos motoqueiros no trânsito, sobretudo aqueles que lhes entregam compras e comidas em casa, gerando tensão em relação ao relato da personagem que desabafa sobre as diversas situações que passa ao atender aos chamados dos aplicativos de entrega, em sua mochila térmica em letras garrafais pode-se ler “Também quero horário de almoço”.

Outros objetos do cotidiano de António compõem o cenário com surpreendente funcionalidade cênica como é o caso de uma lona de proteção de moto que se transforma em um cadáver ou a poltrona que abriga António feito morcego madrugada a dentro diante da TV, a parte frontal de uma moto com farol em funcionamento, responsável por uma divertida cena que conta com a participação de uma espectadora que topa um passeio na garupa do *motoboy*, e outros elementos que aterram os espectadores e espectadoras no imaginário de António, tijolos para construção presentes na alvenaria aparente, sobretudo nas moradias periféricas, uma bola de futebol, camiseta do Barça (importante time de futebol espanhol), chuteiras e uma capa de chuva para motoqueiro.

*Cabo Enrolado* e a saga de anônimo António ou brasileiro, é sobre a queda, o ralo, o levantar-se, o sentido de comunidade, o esperar e a urgência da realização de significativas transformações sociais.

O Teatro épico da Cia. Graxa expõe a perversidade com que as subjetividades e a vida da classe trabalhadora vêm – estruturalmente - sendo roubadas, sobretudo pelos meios de comunicação de massa a serviço de uma ideologia hegemônica, liberal e amparada em certa e malévola apologia à individualidade, cuja finalidade é alienar para explorar e impedir assim a tão temida consciência de classe. Trabalhadores do mundo, uni-vos! A pé, de moto, calçado, descalço...